

ANDRÉA DE NARDI GONZALEZ

*LAZER NOS PARQUES TEMÁTICOS:
UM NOVO ESPAÇO PARA A ATUAÇÃO DE ANIMADORES SÓCIO-
CULTURAIS*

Faculdade de Educação Física
UNICAMP
1998

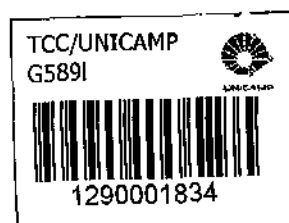
ANDRÉA DE NARDI GONZALEZ

*LAZER NOS PARQUES TEMÁTICOS:
UM NOVO ESPAÇO PARA A ATUAÇÃO DE ANIMADORES SÓCIO-
CULTURAIS*

Monografia apresentada como exigência
parcial para a obtenção do título de Bacharel
em Recreação e Lazer pela Faculdade de
Educação Física- UNICAMP, sob a orientação
do Prof. Dro. Antônio Carlos Bramante

Faculdade de Educação Física
UNICAMP
1998

SUMÁRIO



Introdução	01
Capítulo I – LAZER	03
I.1 – UMA REVISÃO HISTÓRICA DO LAZER	04
I.2 – TEMPO E ATITUDE	07
I.3 – EDUCAÇÃO PARA E PELO LAZER	10
I.4 – OS CONTEÚDOS DO LAZER	12
I.5 – EQUIPAMENTOS DE LAZER	14
I.5.1 – Equipamentos não específicos	14
I.5.2 – Equipamentos específicos	14
Capítulo II – TURISMO, LAZER E ENTRETENIMENTO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS	16
II.1 – TURISMO	16
II.1.2 – TURISMO ATIVO E TURISMO RECEPTIVO	17
II.2 – O SETOR DE SERVIÇOS E ENTRETENIMENTO	19
Capítulo III – PARQUES TEMÁTICOS	24
III.1 – O EQUIPAMENTO PARQUE TEMÁTICO	25
III.2 – PROFISSIONAIS DO LAZER	30
III.2.1 – ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL	30
III.3 – UMA POSSÍVEL ATUAÇÃO DO ANIMADOR SÓCIO CULTURAL NO EQUIPAMENTO PARQUE TEMÁTICO	32
BIBLIOGRAFIA	37

INTRODUÇÃO

O interesse por parques temáticos aflorou depois da realização de um intercâmbio cultural, o qual eu participei em 1997 na Califórnia – USA. Neste intercâmbio, uma das condições oferecidas era a de trabalho em alguma área de interesse pré-estabelecida, para uma ajuda de custo durante a estadia no exterior. A área por mim escolhida, foi a de parques temático, por estar, na época, cursando o Bacharel em Recreação e Lazer na Faculdade de Educação Física – UNICAMP. No mesmo período, alguns parques estavam sendo lançados e construídos, de maneira geral, na região Sudeste, sendo que no eixo São Paulo - Campinas, dois empreendimentos estavam em fase de construção: o Wet'n Wild e o Great Adventure. Ao retornar ao Brasil, reiniciei meus estudos, faltando apenas o último semestre para finalizar o meu curso de bacharel e o momento de determinar o tema para a monografia final de curso. Foi então que este trabalho começou a surgir.

A grande expansão deste tipo de equipamento de lazer, o parque temático, e a pouca bibliografia existente que discutisse sobre estes novos espaços de lazer e a atuação de profissionais de lazer nestes espaços, foram os precursores da idéia inicial para a execução deste trabalho. Por ser uma área emergente no que diz respeito a uma possível atuação de profissionais nestes espaços, acredito ser de grande ajuda, estudos nesta área para o conhecimento e qualificação de profissionais para atuarem nestes espaços.

O setor de serviços, como o lazer e o turismo, torna-se cada vez mais importante nas sociedades contemporâneas. Verifica-se cada vez mais investimentos e incentivos no planejamento e execução de parques, sejam eles quais forem. Surge então um novo mercado de trabalho para os profissionais da área do lazer, como é o caso dos profissionais da Educação Física e Lazer e seria favorável a produção acadêmica para acompanhar este crescimento.

A metodologia utilizada neste trabalho foi revisão bibliográfica dos temas centrais, seguida de uma análise contextual dos textos que permitissem a redação dos capítulos (Severino, 1990). O primeiro capítulo apresenta algumas definições de lazer, bem como versa sobre alguns assuntos como os conteúdos do lazer, os equipamentos de lazer e funções do lazer. O segundo capítulo trata do turismo, lazer e entretenimento, introduzindo o equipamento parque temático. No terceiro e último capítulo, as conceituações de parque temático, bem como uma possível atuação de profissionais do lazer, são tratados.

CAPÍTULO I - LAZER

Ao pesquisar, em dois dicionários da língua portuguesa, o sentido da palavra *lazer*, encontrei dois significados parecidos, porém não idênticos. São eles:

lazer (ê), s.f. (l. licere). *Tempo livre, vagar, ócio.*
lazer (ê) sm. *Tempo disponível, ócio, folga.*

Destaco, pois, dois pontos destas definições. O primeiro diz respeito as diferentes classificações de tempo: tempo livre e tempo disponível. O segundo ponto refere-se a presença da palavra *folga* em ambas as definições.

Num primeiro momento, falarei sobre a questão da *folga*, deixando para mais tarde a discussão de *tempo*.

Ambos os dicionários apontam a *folga*¹, entre outros, como uma interrupção do trabalho. Significa então, que o lazer está relacionado com o trabalho, já que as atividades de lazer ocorrem, entre outros aspectos, no tempo de não trabalho. Requixa (1980), afirma que “... dada a interdependência dos elementos do binômio trabalho – lazer, discorre sobre o lazer, significa, portanto, não ignorar suas

¹ Folga, s.f. (de *folgar*). 1. Ato de folgar. 2. Descanso, tempo de descanso. 3. Recreio. 4. Ócio. 5. Interrupção no trabalho. 6. Desafogo, larguesa.

Folga, sf. 1. Interrupção de atividade ou trabalho, para descanso ou recreação. 2. Largura; desaperto.

implicações com o trabalho.” (p. 21). E para não ignorar essa implicação, nada mais apropriado, tratar o lazer e o trabalho nas suas perspectivas históricas.

I.1 - UMA BREVE REVISÃO HISTÓRICA DO LAZER

Parker (1978) cita que

“ Na maior parte das sociedades iletradas, a maioria da população trabalhava (...) tão arduamente para manter-se e as suas famílias que sua vida é quase desprovida de lazer em seu sentido moderno. O lazer, para a maioria, consistia em parte no mero descanso da labuta, e em parte na participação em atividades estereotipadas, principalmente de natureza cerimonial. A participação em tais rituais não era considerada ‘lazer’ ou tempo de ‘folga’ por aqueles que delas participavam, mas sim parte integrante do esquema normal de vida.” (p. 23).

Já, Dumazedier (1975) busca os fundamentos históricos da teoria do lazer, ou seja, os fatores que produzem o lazer no processo de industrialização, apontando para duas visões distintas de historiadores: os que consideram os fundamentos históricos do lazer anteriores à sociedade industrial, pois “... os homens sempre trabalharam e pararam de trabalhar e, em consequência, o *não trabalho* sempre existiu em qualquer sociedade” (p.18), e os que consideram o lazer como produto da industrialização.

Requixa (1980) vai além. O autor tem visões históricas distintas entre lazer e trabalho, em períodos também distintos. A tradição grego – romana entendia o trabalho indigno da elite. O trabalho manual era exercido pelos escravos, enquanto que para a elite só eram aceitáveis as ocupações em trabalhos que exigissem o concurso da inteligência, da reflexão e do raciocínio. O trabalho de força muscular era totalmente desprezível. Na idade média, em função dos aspectos religiosos, o lazer surgia em dias festivos e aos domingos, dia consagrado ao descanso. É na época medieval que vivia-se a civilização pré-industrial; instituiu-se a limitação da jornada de trabalho e percebe-se uma certa preocupação com o desemprego, a doença e a velhice.

Vou adotar, neste trabalho, o lazer como produto de um processo histórico denominado revolução industrial. Me apoio no trabalho de Wells² (1932) para esclarecer alguns pontos.

Há a tendência de confundir a revolução mecânica com a revolução industrial, como eu mesma o fiz. Para distinguir uma da outra, busco, em breves linhas, seus momentos históricos.

² Nascido na Inglaterra, Herbert George Wells (1866 – 1946) escreve de forma simples e clara, as profundas modificações que a industrialização capitalista trouxe à estrutura da sociedade britânica, e estreitamente relacionada com o desenvolvimento do movimento trabalhista, entre outros. *The outline of history: being plain history of life and mankind*, título do original em inglês, foi traduzido por Anísio Teixeira e revisto por Oscar Lopes que acrescentaram notas ao longo do texto, condizentes com a historicidade americana.

A revolução mecânica, se deu devido ao fruto de estudiosos no séc. XVIII, que desenvolveram a máquina a vapor. As primeiras máquinas a vapor foram usadas para extrair a água das minas de carvão, até então, recentemente abertas. James Watt aperfeiçoou a bomba a vapor e possibilitou o seu aproveitamento na movimentação de maquinismos como, por exemplo; um descaroçador de algodão (1785). Foi em 1804 que Trevithick adaptou a máquina de Watt ao transporte, construindo a 1ª ferrovia.

A revolução industrial foi e é cada vez mais modificada pela constante variação das condições humanas determinadas pela revolução mecânica, ou seja, acredito que a revolução industrial não é um momento histórico estanque. Por muito tempo, tive a idéia de que a revolução industrial se deu, tão e somente, devido ao advento das máquinas. A questão vai além disso; a revolução industrial é uma revolução social e financeira. Wells (1932) afirma que “... as fábricas não foram, com efeito, o resultado da máquina, mas da ‘divisão do trabalho’” (p.170 - 171).

O desenvolvimento da civilização industrial e os progressos tecnológicos permitiriam um aumento do tempo livre, ampliando as dimensões e importância do lazer. Com o advento das máquinas, os assalariados passaram a trabalhar em turnos. A jornada de trabalho semanal era de, em média, oitenta horas. Passo-se a reconhecer, então, a importância das horas livres entre uma e outra jornada; a

importância das férias anuais, remuneradas; a importância da diminuição das horas semanais de trabalho. A partir do momento em que o trabalho era executado em lugares especiais, durante um período específico e com determinadas condições, o lazer passou a ser exigido, ou seja, o “tempo de folga” foi reivindicado.

Esse “tempo de folga” é o tempo disponível ou o tempo livre, como citado anteriormente nas definições de lazer por ambos os dicionários. Acredito, então, ser o momento exato de discernir a questão do lazer ligado ao aspecto tempo. Porém não poderei deixar de lado o aspecto atitude.

I.2 - TEMPO E ATITUDE

Ao longo de meus estudos no curso de Bacharel em Recreação e Lazer pela Faculdade de Educação Física – UNICAMP, tive contato com vários “tipos” de tempo: tempo livre, tempo disponível, tempo liberado, tempo desocupado, tempo ocioso.

Dumazedier (1975) conceitua quatro definições de tempo apresentadas acima. O tempo ocioso está relacionado à ociosidade, à ausência de trabalho; é escolhido. Já o tempo desocupado é o tempo de desemprego e ocorre em duas situações: quando não há oferta de emprego suficiente à população, ou seja, não há trabalho

para todos, característica das sociedades com um alto nível de riqueza (sociedades economicamente mais desenvolvidas) e que o autor denomina como “... desemprego tecnológico; e quando interessa mais à máquina tecnológica pagar a pensão de desemprego do que desorganizar o sistema de produtividade. É tempo sem trabalho, transitório” (p.57). O tempo livre é resultado do tempo liberado do trabalho, um tempo que supõe a existência do trabalho e, cumprindo as obrigações profissionais, há a possibilidade da produção do lazer.

Falar em tempo significa falar em que circunstâncias a prática de lazer está sendo executada, ou seja, “... atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou tempo livre (...) não só das obrigações profissionais, mas também familiares, sociais e religiosas” (Marcellino, 1996, p.08). Sendo assim, considero o tempo de lazer como um tempo, seja ele qual for, que não faça parte do tempo despendido para as obrigações profissionais, familiares, sociais e/ou religiosas.

Já, a atitude caracteriza-se “... pelo tipo de relação verificada entre sujeito e a experiência vivida, basicamente pela satisfação provocada pela atividade” (ídem, *ibid*). O caráter desinteressado, a livre escolha de qualquer atividade de lazer corresponde à satisfação do indivíduo na prática do lazer. “Por livre escolha no lazer, entenda-se assim a existência de um tempo precioso onde se pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação ou de participação” (Camargo, 1992, p.11).

Porém não devemos considerar estes dois aspectos isoladamente e sim combiná-los.

Se considerarmos apenas o aspecto atitude, qualquer atividade de escolha individual e que apresente um nível de prazer e satisfação, seria uma atividade de lazer, mesmo se esta atividade estivesse relacionado com o trabalho profissional, por exemplo. Por mais prazeroso que seja para um mecânico o manuseio em um motor de carro, só o fato dele, mecânico, executar esta atividade profissional visando o rendimento como uma “recompensa” do serviço executado, tal atividade perde seu valor como sendo de lazer. A obrigação deste trabalho (desta atividade) em um local específico de trabalho, aliado a um período também específico, seja ele prazeroso ou não, descaracteriza-o como atividade de lazer.

Se considerarmos apenas o aspecto tempo, qualquer atividade desvinculada das obrigações profissionais, religiosas, familiares e/ou sociais, seriam atividades de lazer, mesmo que não fossem de livre escolha, de caráter desinteressado e prazeroso. Seguindo o mesmo personagem hipotético (o mecânico), ao invés dele estar lendo um livro, supondo ser a atividade que ele gostaria de fazer no seu tempo liberado, ele tem que consertar o motor do próprio carro, caso contrário o carro será inútil para o uso durante a semana. Por mais que o mecânico goste de “mexer” em motores

de carros, o fato dele o fazer, por uma necessidade qualquer, no tempo liberado, também descaracteriza a atividade como sendo de lazer.

Abrangidas as duas questões iniciais, a folga e o tempo, e inserida uma terceira, a atitude, proponho agora examinar a relação entre educação e lazer, sob duas óticas: a educação para o lazer e a educação para o lazer.

I.3 - EDUCAÇÃO PARA E PELO LAZER

Nas sociedades industriais, houve um crescimento do poder aquisitivo dos assalariados o que propiciou a expansão do consumo. Esse aumento do poder de compra, fez com que aumentasse a demanda de mercadorias, gerando um maior número de assalariados que, por sua vez, fará crescer o número de consumidores.

Esta constante evolução e desenvolvimento cria um capital cada vez maior, que é investido em tecnologia. Esta tecnologia, além de permitir um aumento do tempo livre, também atuou na diversificação da utilização deste tempo, visto que agilizaram-se as formas de comunicação e dos meios de locomoção.

Surge então uma massa social, que passa a usufruir deste tempo, antes privilégio de classe. A utilização deste tempo livre começa a ampliar o

dimensionamento do lazer. O tão reivindicado tempo de folga passa a fazer parte do cotidiano dos assalariados. E como utilizar-se deste tempo de folga? “A sociedade industrial visa mais ao ter em vez de ser” (Janne, *in* Requixa, 1980, p.56). Se a tendência nos dias atuais é o da diminuição das horas de trabalho, como uma forma de empregar a grande massa de pessoas hoje sem trabalho, em contra partida, a sociedade industrial não está preparada para “aceitar” o aumento de tempo disponível para as atividades de lazer. Supondo que a diminuição da jornada de trabalho não acarrete a diminuição da renda, mesmo assim a tendência é de que se procure um outro tipo de ocupação neste novo tempo livre que não seja a de lazer. Nossa sociedade é educada para o trabalho e não para o lazer. Outro ponto a ser destacado; na mesma situação em que ocorra uma diminuição da jornada de trabalho, porém acompanhada da correspondente diminuição de renda, o assalariado tende a procurar mais de um emprego para suprir as necessidade da família.

É incrível pensar que mesmo depois da grande parcela da humanidade, que era submetida a ordens de uma minoria dominadora, conquistar um espaço social e o direito à fruição do lazer, muitos não sabem como utilizar deste tempo livre. Faz-se então necessária uma educação para o lazer.

E o que dizer a respeito da educação pelo lazer?

O lazer pode e deve ser usado com um instrumento a mais no campo educativo. A prática do lazer possibilita ao indivíduo passar do nível primário, elementar, para o nível crítico e criativo, ou seja, o praticante de uma atividade de lazer não só recebe informações, atividades e as “consome”. O indivíduo deixa de ser um sujeito passivo e passa a ser ativo, na medida em que critica e cria novas possibilidades em cima daquilo que lhe é apresentado ou proposto nas e pelas práticas de lazer. A visão parcial e limitada das atividades, restringem e dificultam seu entendimento enquanto propiciadoras do desenvolvimento social e pessoal.

As atividades recreativas podem atingir um ou mais dos conteúdos do lazer, que são explicitados a seguir.

I.4 - OS CONTEÚDOS DO LAZER

A escolha de qualquer atividade de lazer corresponde à satisfação do indivíduo desta prática. Para que ocorra a escolha é necessário um conhecimento dos conteúdos, além de estímulo à participação e orientação que permitam ao indivíduo a escolha deste ou daquele conteúdo. Isto não significa que o indivíduo não possa optar por dois ou mais conteúdos em uma mesma prática.

Adotando o modelo de Marcellino (1996), as áreas abrangidas pelos conteúdos do lazer são os seguintes:

- ➔ interesses artísticos: todas as manifestações artísticas de conteúdo estético, configurando a busca da beleza e do encantamento;
- ➔ interesses físicos: caracterizam-se pelo movimento corporal, pelos exercícios físicos, pela prática de modalidades esportivas;
- ➔ interesses intelectuais: leitura ou participação em cursos, onde procura-se o contato com o real, com as informações, com as explicações racionais;
- ➔ interesses sociais: dizem respeito aos relacionamentos interpessoais, o convívio social, o contato com outras pessoas, características em bailes, bares, reuniões de pessoas, entre outros;
- ➔ interesses manuais: são as práticas de transformar objetos ou materiais pelo uso da manipulação, assim como o artesanato e a jardinagem;
- ➔ interesses turísticos: busca de novas paisagens, contato com novas pessoas e costumes, quebra da rotina temporal e espacial.

Um espaço para a prática do lazer se faz necessário já que esta prática, na maioria das vezes, não é concedida nos locais de trabalho. Isto não significa que o uso da quadra poliesportiva de uma empresa não seja um equipamento de lazer, só pelo fato da quadra encontrar-se nos perímetros da empresa e conseqüentemente, no espaço de trabalho. Imagina-se que a quadra foi construída com um propósito “único” de proporcionar um espaço de lazer para os funcionários; ao contrário, as salas de escritório são projetadas para abrigar os trabalhadores e suas “produções”.

Contudo, nem todos os possíveis espaços utilizados para a prática do lazer foram construídos para tal. É o caso dos chamados equipamentos não específicos de lazer que, assim como os equipamentos específicos, são citados a seguir.

I.5 - EQUIPAMENTOS DE LAZER

Toda a atividade de lazer é desenvolvida em um espaço, seja esta atividade de conteúdo artístico, físico, manual, intelectual, turístico ou social. Como já foi citado, este espaço abriga equipamentos de lazer, que são classificados em equipamentos específicos e não específicos de lazer.

I.5.1 – Equipamentos não-específicos

Os equipamentos não específicos são espaços utilizados pelas pessoas para a prática do lazer, porém não foram construídos para tal finalidade. O bar, a rua e a escola são exemplos desses equipamentos, assim como a própria casa, onde os interesses manuais, por exemplo, são verificados na maioria das vezes.

I.5.2 – Equipamentos específicos

Ao contrário dos equipamentos não específicos, a construção de um local/equipamento, que visa a prática do lazer, classifica-o como equipamento específico. Brunhs (1997) classifica os equipamentos específicos em *especializados* e são “... destinados a atender uma programação especializada, ou uma faixa de interesses culturais específicos” com uma programação “... voltada para um segmento dos interesses sócio culturais da clientela. Estruturada sobre uma modalidade específica de animação; como exemplo (...) os ‘parques aquáticos’...” (p.114)

CAPÍTULO II - TURISMO, LAZER E ENTRETENIMENTO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A razão pela qual resolvi inserir o tema turismo, lazer e entretenimento, se dá pelo estreito laço que ambos os “termos” possuem.

Oliveira (1983, p.06) caracteriza o turismo como *atividade de lazer*, assim como o faz Trigo (*in* Marcellino, 1995, p.72) ao descrever o turismo como *uma das áreas abrangidas pelo lazer*. As outras áreas do lazer são as relativas aos conteúdos físicos, manuais, artísticos, intelectuais e sociais e que já foram relatados no capítulo anterior.

II.1 -TURISMO

Segundo Lage, Beatriz H. Gelas e Milone, Paulo César (1991, p.24-25), o turismo é entendido de formas diferentes.

1) Para muitos especialistas, turismo são viagens para regiões que distam mais de 50 milhas³ dos locais de residência.

³ Para converter milhas em km, basta multiplicá-las por 1,679, pois 1 milha corresponde a 1,679 km. Sendo assim, da conversão de 50 milhas, obtêm-se 81 km. Neste caso, como o número foi decimal, arredondo-se para mais.

II) Outros especialistas, ao conceituar turismo, exigem que os viajantes permaneçam mais de 24 horas nos locais visitados.

III) Algumas definições mais tradicionais incluem somente viagens de férias e de outras motivações como, por exemplo: de estudo, de eventos, de esportes, de saúde, de religião, de compras, de visitas a amigos e parentes etc. Algumas incluem, outras não, as viagens de negócios como turismo. Mas, qualquer que seja o motivo da viagem, sob o aspecto econômico, é importante ressaltar que o indivíduo que viaja para um país ou região não venha exercer, nessa localidade, uma ocupação remunerada.

*IV) Para Methieson e Wall² **, o turismo pode ser considerado, de forma ampla, como:*

- 1) O movimento temporário de pessoas para locais de destinos externos aos seus lugares de trabalho e de moradia.*
- 2) As atividades exercidas durante a permanência desses viajantes nos locais de destino*
- 3) As facilidades criadas para prover suas necessidades.*

Vou me apoiar na definição apresentada por Lage e Milone, especificamente o item IV.

II.1.2 -TURISMO ATIVO E TURISMO RECEPTIVO

Há dois aspectos possíveis de serem observados na atividade turística: o turismo ativo e o turismo receptivo. O turismo ativo se caracteriza pela migração provisória e voluntária do domicílio principal e engloba os meios de transporte e viagens, por exemplo. O turismo receptivo caracteriza-se pelo "... aparato técnico e

* LAGE e MILONE citam a inserção de uma nota, quando comentados os autores Methieson e Wall, correspondendo à seguinte bibliografia: GUNN, C. A . *Tourism planning*, 2^a ed., cap. 1, Nova Iorque, Taylor & Francis, 1988, p.2

econômico destinado a acolher o primeiro” (Oliveira, 1973, p.06) e diz respeito a hospedagem, equipamentos confortáveis e atrações, inserindo-se aí, os parques temáticos.

O turismo implica dinheiro circulando, equipamento sendo construídos e serviços de apoio sendo administrados, além de implicar no deslocamento de pessoas. Essas pessoas, por um período de tempo, irão se acomodar e usar das instalações do local a ser “visitado”. Isto implica na recepção da comunidade local, em relação aos turistas.

Para que a atividade turística não traga “excessos malignos”, os empreendimentos turísticos necessitam de um bom planejamento, ou melhor, bons planejadores capazes de prever todas as variáveis e todas as consequências, até onde seja possível, do empreendimento turístico; capazes de definir objetivos; de ordenar recursos materiais e humanos; de determinar os métodos e formas de organização; de localizar espacialmente as atividades e outras especificações necessárias para canalizar racionalmente a conduta de uma pessoa ou grupo.

De todas as variáveis apresentadas, a que mais interessa a este trabalho é a ordenação de recursos humanos, mais especificamente de “funcionários” envolvidos na animação, recreação dos usuários.

Outro conceito de turismo é apresentado por Barreto (1991), que o descreve como sendo

“...essencialmente o movimento de pessoas e atendimento às suas necessidades, assim como às necessidades das outras pessoas que não viajam. O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação” (p.47-48).

II.2 O SETOR DE SERVIÇOS E ENTRETENIMENTO

O sistema econômico está dividido em três setores: primário – agricultura, pecuária, extrativismo; secundário – indústria de transformação e terciário – serviços.

A economia das sociedades contemporâneas apresenta uma predominância do setor de serviços, responsável pelos transportes; bancos; agências de viagens; vendas ao atacado e varejo; setor de negócios em geral como contabilidade, advocacia, engenharia; além de serviços pessoais e recreacionais de lazer e de turismo; entre outros.

“O setor de serviços é o mais importante da economia contemporânea, seja na participação no Produto Interno Bruto (PIB) dos países mais desenvolvidos, seja na participação da porcentagem da população economicamente ativa (...); o setor está crescendo de forma bastante considerável, especialmente nas áreas de lazer e turismo” (Trigo *in* Marcellino, 1996, p.74).

Luis Octávio L. Camargo apresentou, em uma das reuniões do GALE⁴, um parecer a respeito do setor de entretenimento, baseando-se em três “segmentos”: mídia, viagem e relação interpessoal. Em relação à mídia, o professor citou rapidamente os meios os quais se é possível chegar, obter, captar o entretenimento. São eles: a televisão, o cinema, os *games*, a publicidade, os jornais e revistas e o mercado fonográfico (CDs, cassetes, *home theater*, etc.). O segmento viagem dá conta do turismo e hotelaria, enquanto que a relação interpessoal trata da animação, seja ela hoteleira, pública, escolar, hospitalar, industrial e/ou comercial.

Restringirei minhas análises aos segmentos da viagem, no que diz respeito ao turismo e da relação interpessoal, no âmbito da animação comercial. Não pretendo, com isso, desmerecer os outros tópicos; apenas acredito não serem relevantes à minha proposta de trabalho atual.

No decorrer do capítulo anterior, preocupei-me em apontar algumas idéias embutidas na questão do lazer como o tempo para a prática do lazer e sua correlação com a atitude do indivíduo na prática da mesma; a educação para e pelo lazer; os conteúdos do lazer; assim como os equipamentos.

⁴ O GALE (Grupo de Pesquisa em Administração do Lazer e Entretenimento) teve sua primeira reunião realizada no dia 14 de agosto de 1998 e recebeu, no dia 16 de outubro de 1998, o Prof. Dr. Luis Octávio Lima Camargo, professor da Faculdade de Turismo de Sorocaba, para versar sobre “O lazer e o Entretenimento: tendências e perspectivas”. As reuniões são mensais, coordenadas pelo Prof. Antonio Carlos Bramante, Ph.D, sendo os encontros realizados na Faculdade de Educação Física – UNICAMP.

Antes de seguir adiante e com o intuito de não me esquecer de outro aspecto relevante, transcreverei algumas palavras de Dumazedier (1973, p.34). *O lazer e portanto, o turismo será tão mais expressivo na medida em que reunir simultaneamente suas três funções básicas: descanso, divertimento e desenvolvimento.* O descanso é o ócio, o repouso; o divertimento é a distração, o entretenimento e o desenvolvimento é o aprimoramento sociocultural.

A “prática” do turismo, que é também uma atividade de lazer, demanda do “praticante” um tempo liberado e uma livre escolha que busque a satisfação do indivíduo na prática do lazer.

Ao escolher uma atividade de lazer, de forma desinteressada, buscando a satisfação em um tempo liberado para tal, o indivíduo tem como opção a prática pelo turismo, um dos conteúdos do lazer. Porém, essa escolha por uma atividade de lazer, seja ela qual for, só é possível à medida que o sujeito tenha claro o seu direito à fruição desta prática. Esta prática pode ocorrer em um equipamento específico ou não específico de lazer. Seja ela executada em um ou outro, mais do que a “busca” do divertimento e do descanso, há também a possibilidade de um desenvolvimento sociocultural.

Entre várias outras opções, a utilização de um equipamento específico, dentro de um turismo receptivo, pode e deve vislumbrar além do descanso e do divertimento, o desenvolvimento pessoal.

O turismo, enquanto viagem, na maioria das vezes apresenta apenas a captação dos dois primeiros valores. Mais ainda; o turista, principalmente os de pacotes de viagens, ao invés de descansar e se divertir, acabam voltando para casa exaustos e estressados. Para acompanhar um pacote de 8 dias, por exemplo, para a Flórida, o turista se predispõe a visitar pelo menos os parques mais famosos como Disneyworld, Sea World e Epcot Center, além de fazer passeios turísticos pela cidade com direito a compras em Miami. A “rotina” nestas excursões é estafante, se levarmos em consideração os horários que devem ser cumpridos, como levantar cedo, hora determinada para almoço e outros. Se o turista não seguir o horário, é capaz de perder a saída do grupo e ficar “perdido”, já que ele não conseguiu acompanhar o grupo. Aí, em vez de se divertir, ele procura mil maneiras de chegar até o grupo, ou volta para seu quarto liga a televisão e lamenta pelo despertador não ter tocado.

É possível alcançar o terceiro valor do lazer (o desenvolvimento), mesmo em um equipamento específico de lazer e de turismo receptivo, como o parque temático. É possível na medida em que este equipamento ofereça uma animação sociocultural. É o que Camargo chama de animação comercial, ou seja, a animação

feita em academias de ginástica, dança, em bares, em comércios de lazer (*shoppings*) e também em parques temáticos.

A seguir, proponho apresentar o conceito de parque temático, assim como falar um pouco de sua história e situá-lo na realidade brasileira. Mais adiante, apresentarei algumas considerações sobre a animação sociocultural e seus agentes.

CAPÍTULO III- PARQUES TEMÁTICOS

Os parques temáticos são equipamentos da iniciativa privada e sem dúvida não são acessíveis a todas as classes sociais. Porém, não cabe a este trabalho discutir esta questão. Tenho conhecimento da falta de opção em relação a equipamentos de lazer compatíveis com o poder aquisitivo da maioria da população. Contudo, “dar as costas” para este novo tipo de equipamento, mesmo que atendendo a uma classe privilegiada da estratificação social brasileira, seria negligenciar as possibilidades educativas que estes equipamentos podem oferecer, mesmo que para poucos. Um estudo acadêmico em relação a estes equipamentos, visando uma formação profissional apta a atuar nestes espaços, no meu ponto de vista se faz necessária para, pelo menos, transformar esta “indústria do lazer comercial” para uma “indústria do lazer educativo”.

Independentemente do grau de desenvolvimento dos países, um traço peculiar da sociedade contemporânea e a tendência a urbanização. A partir da Revolução Industrial é que nota-se o problema do espaço. É preciso estabelecer locais de trabalho, habitação, educação, circulação e de lazer. Contudo, isto não aconteceu, pelo menos no Brasil. As cidades cresceram voltadas para o trabalho, e não se pensou na utilização de áreas para o pós-trabalho, ou seja, para o momento em que o lazer se manifesta numa perspectiva sociocultural. Os serviços do iniciativa privada

como cinemas, teatros, bares, a criação de parques e jardins por parte do poder público e das instituições, assim como a atuação da população, das diferenciadas classes sociais, de certa forma “reparou” esta falta de planejamento. Coloco *reparou* entre aspas, pois a distribuição destes equipamentos parece não ser feita de modo a atender a todas as pessoas

III. 1- O EQUIPAMENTO PARQUE TEMÁTICO

Recentemente⁵, tive contato com uma classificação dos diversos tipos de parques, que são distribuídos como sendo:

- Parque Móvel - Unidade Móvel Playcenter - SP

Centro ITA - GO

Coney Island - SP

Europark - SP

- Parque Fixo - Playcenter - SP

Parque Shangai - RJ

Coney Island - USA

- Parque de conveniência - Fantasy Place - SP

⁵ Os dados foram obtidos no V Congresso Mundial de Lazer, realizado no SESC – Vila Mariana de 26 – 30 de outubro de 1998, juntamente com o X ENAREL (Encontro Nacional de Recreação e Lazer) e o II Encontro Latinoamericano de Tempo Livre e Recreação, onde a Sr. Michel Todel Gorski da ADIBRA (Associação das Empresas de Parques de Diversão do Brasil) apresentou a classificação utilizada neste trabalho.

Aerokids - SP

Gameworks - RJ

Playland - BR

Fionda - BR

- Parque Aquático - Wet'n Wild – SP/BA

Beach Park – CE

Aquamania – ES

Blizard Beach – Flórida

The Waves⁶ - SP

- Parque Participativo de Animais - Simba Safari - SP

Animal Kingdom - Flórida

Sea World - CA

- Parque Temático - Parque da Mônica - SP

Parque do Chico Bento - SP

Disneyland - CA

Asterix - França

Camp Snoopy - USA

Smurfs - França

⁶ O Parque The Waves foi inaugurado em 1993e fechou logo em seguida em 1996. As estatísticas apontam que em cada 10 parques que abrem no Brasil, 8 fecham. Os empreendedores do The Waves, cometeram alguns deslizes como construir um parque aquático em um local fechado, sendo que o Brasil é um país tropical e a população relaciona água com sol; as cobranças de ingressos eram efetuadas de acordo com o tempo que o usuário permaneceria no parque. Se o usuário utilizasse do parque por três horas, pagaria uma certa quantia. Se o período fosse de 5 horas, a quantia a ser paga aumentaria proporcionalmente, além de outros fatores outros fatores.

Osório - RS

Brasil 500 - SP

Tobu World Square - Japão

- Parque Científico e Pedagógico - La Villete - França

Tecnorama – SP

Estação Ciência - SP

Museu Del Niño - Venezuela

Asahikawa Shunkodoi – Japão

- Parque Associado a Esportes - Ski Mountain Park – SP

Kartódromos – SP

Daitona Beach - Flórida

Parque de Mini Golf – USA

Além destes tipos de classificação, outros parques foram citados, relacionando-os com aspectos particulares como:

- ♦ Personagem vivo de forte presença na mídia: Parque do Gugu - SP

Xuxa Water Park - SP

Beto Carrero World – SC

Dolly Wood – USA

Esses parques tendem a criar personagens, mascotes, para que o empreendimento siga em frente, no caso de falecimento do precursor. O Beto Carrero já está neste processo da criação do mascote: o “Beto Carrerinho”. Não acredito que esta seja o nome correto do mascote; apenas apontei-o como forma ilustrativa, pois o mascote é uma caricatura do Beto Carrero em forma de criança montada em um cavalo branco.

♦ Cinema e Televisão: Universal Studios - CA

MGM - Flórida

Globo - RJ (ainda não foi lançado)

Futuroscope - França

Paramount Pictures - CA

♦ Multitemáticos: Bush Gardens - Flórida

Terra Encantada - RJ

Great Adventure - SP

Port Aventura - Espanha

Parque de La Costa - Argentina

O parque multitemático, nada mais é do que um parque temático, porém o nome do parque não expressa um dos temas; há uma junção de subtemas.

♦ Países e Históricos: Epcot Center - Flórida

Itália in Miniatura - Itália

Parque España - Japão

Ao tomar conhecimento da classificação da ADIBRA, confesso que fiquei confusa. Com o propósito de não criar confusão ao leitor, vou adotar uma classificação americana que divide os parques em três categorias: *theme park*, *amusement park* e *family entertainment center*.

Traduzindo do original em inglês, *amusement park*, “parques de diversão”, são coleções de brinquedos mecânicos, shows oferecidos como atrativos, jogos e barracas de comida que propicia uma variedade de atividades em um único local. *Theme parks*, “parques temáticos”, apresentam um grupo compacto de coisas do mesmo tipo de *rides* sem relações, jogos, shows, vendedores de lembranças e locais para refeições rápidas. Os parques temáticos contém todos estes tipos de atrações, mas elas são inteligentemente “amarradas”, correlacionadas e promovidas como um pacote coordenado de atrações organizadas em torno de um tema único, singular. O tema pode ser um período da história, um lugar imaginário, o mundo da natureza ou um estilo de música.

O *family entertainment center* são locais, como o próprio nome sugere, de entretenimento para toda a família, ou seja, atrações para crianças desde os três anos até adultos sem limite de idade. Estes espaços englobam diversas atrações internas e externas. Na parte interna, geralmente encontram-se os jogos eletrônicos (vídeo games, fliperama, games infantis, etc.), uma área são para crianças pequenas

(playland). Na parte de fora encontram-se, entre outros, pistas de Kart para adultos e crianças separadamente, campos de mini golf, bumper boats, batting cages, etc.

III.2 – PROFISSIONAIS DO LAZER

O lazer nos centros urbanos vem-se tornando cada vez mais parte integrante da vida social. Para suprir essa “necessidade” ao lazer, há uma multiplicação dos equipamentos destinados ao atendimento da demanda populacional nesse setor, tanto pela ação do poder público, assim como pela da iniciativa privada. Contudo, “... a disseminação de equipamentos não constitui, por si só, garantia de ação eficaz”(Neto, s.d., p.01).

Esses novos espaços de lazer ficam reduzidos às perspectivas no que concerne ao repouso e ao entretenimento, devido à ausência de uma animação cultural. A função de desenvolvimento adquire um caráter residual: ocorre de maneira tímida ou até mesmo nem chega a ocorrer. E para que a questão do desenvolvimento vigore nestes espaços de lazer faz-se necessária a atuação de profissionais especializados na área de lazer.

III.2.1–ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

Os profissionais de lazer, recebem diversas denominações pelos acadêmicos como, por exemplo, militantes culturais (Garcia, 1995), animador cultural (Silvestre Neto, 1980) e animador sócio-cultural (Carvalho, s.d.). Independentemente da designação que estes especialistas recebam, dois requisitos são fundamentais para a atuação de tais profissionais em atividades de lazer: uma sólida cultura geral e o exercício constante da reflexão (Marcellino, 1995).

Qualquer que seja a função exercida pelo profissional do lazer, algumas características devem ser combinadas: formação, informação, comportamento e atitude, atualização, imaginação e intuição, criatividade, cooperativismo, dedicação, comunicação e auto-formação permanente (Pina, 1995).

De modo geral, é satisfatório que o profissional do lazer, o qual designarei como sendo o animador sócio-cultural, tenha uma bagagem cultural extensa e profunda, sempre bem informado e atualizado social e culturalmente, capaz de estimular a produção de bens culturais em atividades oferecidas a pessoas, grupos ou comunidades no tempo livre dos indivíduos. Mediante à falta de recursos disponíveis, o animador desempenha o papel de recriar, transformar idéias, alternativas e recursos frente à alguma dificuldade, sempre atuando em grupo, em equipe incentivando e estimulando as pessoas a expressar suas capacidades e potenciais. Para que o animador tenha resultado contínuo é preciso estar sempre pronto a atender as pessoas, cujo interesse nas atividades vem como resposta à sua

atuação profissional e para isso, a comunicação é parte essencial, seja no sentido de expressar, escutar e atender. As informações e idéias do público e dos colegas de profissão são um suporte a mais para o desenvolvimento do processo de trabalho.

III.3-UMA POSSÍVEL ATUAÇÃO DO ANIMADOR SÓCIO-CULTURAL NO EQUIPAMENTO PARQUE TEMÁTICO

Como citado na capítulo II, o setor de serviços tem se destacado na economia contemporânea. Trigo (1995) afirma que as principais nações estão se transformando em sociedades de serviços, nas quais o setor econômico preponderante será o terciário, com a oferta de serviços a pessoas humanas, com a aluda de equipamentos e de instalações.

No setor de serviços, o lazer tem um papel importante, seja por suas atividades artísticas, esportivas, intelectuais, associativas, recreacionais, turística, sem esquecer a indústria do entretenimento” com seus parques temáticos, aquáticos, de diversão, bem como os shows e espetáculos, entre outros.

Muitas experiências de lazer, tais como a leitura de um livro, escutar música, assistir à televisão, não requerem a presença ou atuação de um profissional, assim

como as atividades em grupo como festas, reuniões, jogos e viagens também não o é necessário, já que podem ser organizados pelos próprios praticantes.

Contudo, o capital humano tem um papel importante no setor de serviços, principalmente o segmento do lazer, com relevado mérito à presença e atuação nos equipamentos de lazer, sejam eles os centros culturais, esportivos, os clubes, os museus, os parques, os hotéis de lazer, as casas de espetáculo e os parques temáticos.

Qualquer que seja a característica tipológica, a dimensão, a capacidade, a composição da instalação, o quadro de pessoal de um equipamento de lazer deve ser estruturado de acordo com a administração, programação, animação e manutenção (Pina, 1995). A programação e animação é um cargo e função peculiar do lazer, possibilitando o planejamento, a realização e a animação de atividades nestes equipamentos.

Além de todas as características apresentadas anteriormente neste trabalho e que o profissional do lazer deve apresentar, este deve atuar para garantir não só o descanso e o divertimento e sim, e tão importante, o desenvolvimento. A ação dos animadores deve estar alicerçada “... na competência técnica, na vontade social e no comportamento político com a mudança da situação nos planos cultural e social” (Marcellino, 1986).

Essa ação tem que respeitar as características essenciais das atividades de tempo livre, adesão livre e espontânea do indivíduo, liberdade de escolha, que permitirá ao indivíduo assumir o seu próprio desenvolvimento, o que pressupõe uma profunda tomada de consciência, por parte do animados, do significado da cultura e das necessidades do cidadão.

Os processos de animação de filas nos parques de entretenimento; as atividades de turismo ambiental requisitando animadores para recrear os grupos; o trabalho de gerenciamento e de animação dos parques aquáticos; a organização de congressos e convenções que são espaços que utilizam-se cada vez mais de uma programação cultural; o planejamento de equipamentos de lazer, são novas oportunidades da atuação do profissional do lazer. Torna-se mais evidente a necessidade de uma melhor capacitação profissional dos que atuam ou pretendem atuar na área do lazer.

Baseando-me nas palavras escritas por Pizam (1998), no texto “Turismo e Mão-de-Obra no Setor de Turismo no Brasil”, gostaria de ressaltar alguns pontos em relação aos profissionais atuantes na indústria do entretenimento.

“Há cerca de um ano e meio, fui procurado por duas entidades, (...) para preparar um estudo sobre a adequabilidade da força de trabalho de setor de turismo da América Latina. A primeira conclusão a que chegamos é que há uma carência de mão-de-obra na indústria de turismo do Brasil. Surpreendentemente, a maior parte dos empregadores não consegue achar no mercado de trabalho

administradores qualificados (...) e muitos deles têm dificuldade de recrutar mão-de-obra especializada e semi-especializada” (p.24-25).

Anteriormente, Gherardi (1998) diz:

“Embora saiba que o desenvolvimento de parques temáticos vem-se dando de forma bastante dinâmica e consciente, preocupo-me ao perceber em que condições esses parques vão trabalhar (...). Refiro-me mis especificamente à ausência de uma infra-estrutura adequada, à péssima qualidade de mão-de-obra local e à deficiência de uma estrutura hoteleira ...”(p.20).

Os trechos apresentados foram tirados do livro “Parques temáticos: legislação, investimento e mercado”, produto do “Seminário Internacional de Parques temáticos – oportunidades de negócios e investimentos” realizado pelo Centro de Estudos Das Américas (CEAs). Apesar de terem um visão restrita dos profissionais que trabalham diretamente nos equipamentos dos parques, como por exemplo, engenheiros, operadores, administradores, sinto a necessidade de situar os animadores sócio-culturais neste mercado.

Não cabe, neste trabalho, o julgamento se há ou não a oferta do serviço de animação, e sim sugerir um serviço a mais nestes empreendimentos, como um possível campo de atuação para os profissionais de lazer. Não restrinjo a ação somente na animação propriamente dita e sim na atuação do profissional de lazer desde o planejamento, administração e execução de atividades no equipamento parque temático.

Desde a elaboração do projeto de um parque, o profissional do lazer tem um espaço para opinar e sugerir idéias quanto às instalações e equipamentos. Num estágio posterior, poderá atuar junto à administração, apontando falhas e sugestões, assim como na “preparação” de animadores sócio-culturais que atuarão juntamente ao público.

BIBLIOGRAFIA

- ARRIGALA, J.I. *Introdução ao estudo do turismo*. Rio de Janeiro : Rio, 1976
- BARRETO, Margarida. *Planejamento e organização em turismo*. Campinas : Papyrus, 1991
- BRUNHS, Heloísa Turini (org). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas : UNICAMP, 1991
- CAMARGO, Luis Octávio de Lima. *O que é lazer*. São Paulo : Brasiliense, 1986
- CHUBB, Michael e Hollyr. *One third of our time?.* Comercial Private Recreation Resources
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo : Perspectiva, 1973
- _____. *Questionamento teórico do lazer*. Porto Alegre: Centro de Estudos de Lazer e Recreação: PUC do RGS, 1975
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, s.d.
- GARCIA, Eriveldo B. *Os novos militantes culturais em lazer*. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Formação e atuação profissional*. Campinas : Papyrus, 1995
- GODBEY, Geoffrey. *Leisure in your life: na exploration*. State College: Venture, 1985
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*; traduzido das edições alemã e francesa por Contexto Traduções – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1989

LAGE, Beatriz H. Gelas e MILONE, Paulo César. *Economia do turismo*. Campinas: Papirus, 1991

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. 2ª ed. Campinas : Papirus, 2ª ed., 1990

_____. *Lazer e formação profissional*. Campinas : Papirus, 1995

_____. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas :

Autores Associados, 1996

_____. *Lazer: animação e participação cultural*. Comunicarte, Campinas, PUCC, v.4, n.8, p.61-68;1986

OLIVEIRA, Paulo Salles. *Turismo: atividade cultural de lazer*. Boletim de intercâmbio. Rio de Janeiro 4(13): 5.11 jan/mar de 1983

PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978

REQUIXA, Renato. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional do lazer*. São Paulo : SESC, 1980

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 17ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991

SILVA, Adalberto Prado (org). *Nôvo Dicionário Brasileiro*. Melhoramentos, 6ª ed, v.II, s.d.

SILVESTRE NETO, Dante. *Quem é o animador cultural?*, Leituras Celazer. São Paulo, SESC SP, p.1-4, 1980

TRIGO, Luis Gonzaga Godói. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. Campinas : Papirus, 1993

_____. *Filosofia da formação profissional nas sociedades pós-industriais – um olhar para além do tradicional: o caso do lazer e do turismo*.

(tese de doutorado em Educação), Faculdade de Educação, UNICAMP, 1996

WELLS, H. G. *História Universal*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, v.II, 1932

Parques Temáticos: legislação, investimentos e mercado. Centro de Estudos das Américas. Rio de Janeiro: Signo Grapho, 1998-11-12

Revistas

Euroslot – The world-wild amusement & gamming busines magazine. Vol. 3, nº 9.

Junho de 1993

Euroslot – The world-wild amusement & gamming busines magazine. Vol. 6, nº .

Junho de 1995

Splash – World Waterpark Association Vol. XVI, nº 4. Abril, 1993

Splash – World Waterpark Association Vol. XII, nº 2. Fevereiro, 1996